

Sobre o tema “Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?” (1980)¹

Zbynek Z. Stránský*

Tradução: T. Scheiner (2008)

Por iniciativa dos representantes do ICOM, um projeto muito importante está sendo realizado: a edição de um Tratado de Museologia. Trata-se indubitavelmente de um trabalho muito desejável, que traçará uma linha divisória no desenvolvimento do pensamento museológico até o presente, não apenas devido ao seu conteúdo, mas também pela iniciativa e contribuição ao desenvolvimento geral da museologia.

Entretanto, esta importante tarefa não pode ser realizada pela mera acumulação de opiniões e pontos de vista individuais. Ela deve abranger o sistema de conhecimentos sobre a museologia como um amplo esforço profissional, desenvolvido em total harmonia com o padrão metodológico do pensamento científico atual. Esta é a única maneira de compatibilizar o resultado do trabalho às necessidades da prática museológica e de torná-lo a base altamente necessária para estabelecer a comunicação com outros sistemas científicos e redes institucionais.

Esta complexa tarefa não pode ser realizada de uma só vez. Para a sua realização, devemos permitir o tempo necessário para a criação de uma base de publicações. Devemos elaborar o modo presente de pensar a teoria museológica. A versão final do Tratado de Museologia não deverá conter temas marginais, supérfluos ou inorgânicos, mas apenas elementos vitais e substanciais, que possam determinar os fundamentos da estrutura [daquilo] que denominamos *museologia*.

Pelos motivos expostos, devemos celebrar a idéia da publicação dos “*Museological Working Papers (MuWop)*” - eles formam uma excelente plataforma de discussão para a preparação dos componentes básicos da estrutura do Tratado em Museologia; e merecem nosso apoio integral.

A primeira questão [proposta pelo ICOFOM] para discussão encontra-se diretamente alinhada a essas intenções.

Com relação a essa questão específica, poderíamos remeter nossos leitores para um conjunto de trabalhos já publicados - mas em minha opinião, isto não seria correto. Não há utilidade em repetir os próprios pontos de vista - é mais importante defender nossos pontos de vista em confronto com os de outros, desde que aceitem as regras comuns da discussão e sejam capazes de convencer [os interlocutores] da precisão e veracidade de suas próprias idéias.

Desde esse ponto de vista eu aceito a questão, aceito o desafio e estou pronto para esse galante torneio de idéias.

* Diretor, Depto. de Museologia, Museu da Moravia, Brno; Diretor do Depto. de Museologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Evangelista Purkyně, Brno, Tchecoslováquia

¹ STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. [sem título]. In: MUWOP. *Museological Working Papers/DOTRAM. Documents de Travail en Muséologie. Museology - Science or just practical museum work?* Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, v. 1, 1980. Org. e editado por Vinos Sofka. Assistido por Andreas Grote e Awraam M. Razgon. Impressão e capa: Departments offset central, Stockholm, Sweden. Inglês p. 42-44 / francês p. 42-44. Tradução: T. Scheiner (2008). Tradução e publicação autorizados pelo autor e pelo editor (ICOFOM) em dezembro de 2008.

² N. T. A tradução deste texto privilegiou o original em inglês, apresentado para publicação por Z. Stránský. Em alguns casos, recorreu-se à versão do texto em francês, também publicada no MuWop No. 01, para dirimir dúvidas sobre o significado de termos e/ou frases.

1.

Os filósofos da Antiguidade já afirmavam que devemos ter dúvidas sobre tudo. Espero que me compreendam corretamente quando eu inicio com minhas dúvidas sobre a questão essencial: Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?

Como podemos colocar essa questão?

De forma bem esquemática: temos que decidir se A tem propriedades de B ou de C.

A variável quantitativa A é coberta pelo termo “Museologia”, contendo ainda algumas características de B (-logia). Isto, naturalmente, influencia nossa conclusão. Ao mesmo tempo, a questão se refere a A como um fenômeno objetivamente existente. B (ciência) foi colocada em contraposição a C (trabalho prático). Temos ainda aqui o advérbio “apenas”, cujo significado é de certa forma ambíguo. Ele pode significar que desejamos saber se, no presente, A é B ou C, mas também pode significar que estamos perguntando se A é o que tem sido até o momento, isto é, se presumimos alguma mudança.

A questão formulada dessa maneira - como indicada por mim - não faz justiça à realidade que estamos estudando. Talvez fosse mais adequado aos nossos propósitos colocá-la da seguinte maneira:

a) quando operamos com um determinado termo ou termos, devemos presumir que eles trazem [implícita] uma certa intenção, isto é, que abrangem parte ou certos aspectos da realidade. Devemos, portanto, estar principalmente interessados na relação entre os termos e as realidades, e também no fato de se a realidade é subjetiva ou objetiva.

b) se esses termos tratam de uma certa realidade, esta realidade deve conter características que a separem do real total. As características devem ser substanciais para a realidade, condicionando a sua própria existência.

c) Se esta realidade especial existe no presente, devemos buscar saber se existiu também no passado, isto é, [conhecer] a sua evolução. Se podemos documentar o seu desenvolvimento, devemos supor que o estado presente é apenas uma das fases desse desenvolvimento.

d) se o fenômeno estudado existe e continua em desenvolvimento, estando sua existência condicionada tanto histórica como socialmente, isto é - se o fenômeno tem uma certa missão e propósito. A partir deste sentido e propósito podemos concluir não apenas o que ele é, mas também o que foi e o que será no futuro.

Façamos uma reflexão sobre essas sub-questões:

2.

Além do termo “Museologia”, usado na questão acima, existem outros termos cuja significação é frequentemente identificada, ou apenas diferenciada de modo parcial. Mencionemos, por exemplo, os termos “Museografia” e “Teoria Museológica”. Excepcional é o termo “Museístico” (em inglês, talvez “Museística”), em uso na Romênia - análogo aos termos Estética e Informática.

Todos esse termos têm um denominador comum: referem-se ao fenômeno museu. Isto, entretanto, não significa que as áreas designadas por esses termos devem estar diretamente conectadas com o fenômeno. Todos os termos mencionados acima contêm uma característica (*genus proximum*) que nos leva a refletir sobre o próprio, o verdadeiro fenômeno museu. A precisão dessa conclusão pode ser confirmada pela própria terminologia usada, que contém termos específicos para exprimir este fenômeno na sua existência prática, tais como a expressão “trabalho prático em museus”.

Nossos termos se referem assim ao fenômeno que poderia ser designado como teoria da prática de museus.

Isto estaria em total acordo com a relação geral: teoria e prática.

A teoria museológica torna-se objetiva, antes de mais nada, na produção museológica. Sua abrangência e orientação podem ser documentadas por meio das bibliografias museológicas. Esta teoria manifesta-se também no impacto que tem sobre a estrutura dos programas de ensino de museologia e no trabalho de institutos

especializados dedicados à teoria da prática museológica (recentemente, outro instituto do gênero foi criado em Berlim Ocidental).

Os termos utilizados respondem portanto ao fenômeno objetivamente existente da teoria museológica.

3.

Com respeito à compreensão das características determinantes do fenômeno da teoria museológica, o que podemos geralmente encontrar na literatura museológica são apenas as definições de autores individuais e suas tentativas de agregar as características da museologia, com o objetivo de defini-la, isto é, de definir a teoria museológica (ex: RIVIÈRE, ALOI, NEUSTUPNÝ, RAZGON, BURCAW, AVE). A primeira tentativa de aproximação metateórica do problema foi realizada em meados de 1960, no Departamento de Museologia da Universidade de Brno; esta tentativa foi seguida [pelo trabalho de] um conjunto de outros autores (ex: HÜNS, JAHN, GLUZIŃSKI).

Ao analisar a literatura sobre teoria museológica chegaremos à conclusão de que, do ponto de vista gnosiológico e metodológico, ela não corresponde às exigências presentes. Uma grande percentagem de trabalhos permanece no âmbito da historiografia de museus; muitos trabalhos se concentram na descrição de atividades individuais em museus, ou, no melhor das hipóteses, alcançam o nível de generalização e classificação empíricas. Há relativamente poucos trabalhos penetrando mais fundo em sua intenção de descobrir. Muitos trabalhos que atendem aos requisitos metodológicos o fazem na esfera de disciplinas científicas vinculadas [aos museus], e não através de uma apropriada abordagem teórica da museologia.

Asituação é similar também no caso dos programas de ensino. Existem departamentos de teoria museológica, ou melhor, de museologia, em muitas universidades. O processo de ensino - conforme documentado pelas publicações de alguns desses programas - reside, na maioria dos casos, numa base teórica relativamente fraca; o ensino concentra-se na abordagem de experiências positivas, em instruções práticas, no ensino de metodologias e técnicas. Todas essas coisas são importantes, mas neste nível a teoria museológica e a museologia não poderão tornar-se a contrapartida de outras disciplinas universitárias.

Nos institutos científicos especializados, a teoria museológica também se encontra em segundo plano, como podemos auferir pelos conceitos publicados nos programas e planos de atividades, e também pelas atividades e produção no âmbito da teoria da museologia (atividades científicas e de pesquisa). O primeiro plano é dominado pelas atividades de organização, documentação, informação, educação e difusão.

Do ponto de vista metateórico, a teoria museológica atende hoje apenas parcialmente aos critérios teóricos propriamente ditos. É teoria, mas não é ciência. Se estudarmos essa produção do ponto de vista metacientífico, chegaremos à conclusão de que apenas alguns trabalhos preenchem os critérios científicos necessários. Uma das provas mais contundentes de que esta teoria ainda não chegou ao *status* de disciplina científica independente é o fato de que os resultados da produção teórica sobre museologia ainda não são aceitos amplamente como realizações da pesquisa científica. Em outras palavras: a museologia não tem espaço próprio no atual sistema científico.

A teoria museológica aparece portanto como uma área específica da atividade intelectual humana, com algumas características da teoria pura e tendências a separar-se desta teoria e constituir uma disciplina científica.

4.

Muitos profissionais de museus sustentam que o entusiasmo por uma teoria museológica, ou mais especificamente pela museologia, é matéria característica do momento presente; e que é uma tendência com motivações muito subjetivas.

Alguns autores tentaram fixar, pelo menos em traços mais amplos, o desenvolvimento desses esforços. Aqui, poderíamos mencionar os nomes de alguns estudiosos da história dos museus (WITTLIN, BAZIN). A partir das últimas décadas outros

trabalhos também se destacaram nesta direção (MALINOWSKI, STRÁNSKÝ).

Seus escritos contêm material documentando o fato de que os trabalhos de QUICCHEMBERG, MAJOR, NEICKELIUS, LINEU, KLEMM, GRAESSE, MURRAY, SCHLOSSER e COLEMAN não são manifestações isoladas, mas partes orgânicas do desenvolvimento do pensamento teórico da museologia, não apenas com representantes próprios, mas também com estágios e pontos culminantes definidos.

Mas até o momento ainda não temos um trabalho documentando a originalidade desse desenvolvimento e identificando os fatores condicionantes da criação teórica. Entretanto, o trabalho de MALINOWSKI (1970) é um documento muito convincente, indicando que nossas idéias são corretas.

A teoria museológica e a museologia têm sua própria história, diferindo grandemente da história dos museus. Devemos nos culpar pelo fato de não termos dado a devida atenção a essa história, e sobretudo por não termos sido capazes de avaliar teoricamente a contribuição de todos aqueles que trilham o caminho da teoria da museologia, muito antes de nós. O que significa para o desenvolvimento adequado da museologia no presente pode ser documentado, por exemplo, nos trabalhos de ENNENBACH.

5.

Se existiu uma teoria da museologia no passado e se [esta] esteve em desenvolvimento, isto significa que atendeu a certas necessidades sociais. O caso é o mesmo, nos dias de hoje.

A teoria museológica, isto é, a ciência, museológica, tem o direito de existência e de um futuro desenvolvimento mas apenas enquanto atender as necessidades e requisitos concretos da sociedade presente.

Se levarmos em conta que o fenômeno museu, ainda que sob variadas formas e concepções, acompanha praticamente todo o processo de formação da cultura humana, é lógico que ele tem o seu lugar e sua missão especial também na sociedade atual.

Se os museus se desenvolvem em sintonia com o desenvolvimento da humanidade, e se a teoria museológica se desenvolve de modo similar, segue-se que a teoria como a prática museológicas só podem existir e preservar seu direito a um desenvolvimento futuro se lograrem manter-se em devida relação com o desenvolvimento geral da sociedade.

Se no século 19, e mesmo na primeira metade do século 20, a abordagem empírica ou intuitiva era suficiente em muitas esferas da atividade humana, a segunda metade deste século trouxe mudanças revolucionárias. Os fatores da revolução técnico-científica penetram a totalidade das realidades naturais e sociais, alterando profundamente a sua estrutura.

Nenhum museu pode existir fora dessa constelação de desenvolvimento. A recente manifestação da crise no papel dos museus refletiu as contradições entre os requisitos do desenvolvimento social e o estágio que os museus haviam alcançado.

Hoje os problemas da existência dos museus não podem ser solucionados no âmbito da prática. Para a realização desta tarefa necessitamos uma ferramenta especial, que nos permita descobrir as facetas objetivas da realidade, definir as suas leis e encontrar soluções ótimas tanto para resolver as questões cotidianas quanto para planejar o futuro. Esta tarefa só pode ser realizada com a teoria museológica, mais ainda, com a museologia.

O postulado da mudança revolucionária torna-se verdadeiro para a prática e para a teoria museológicas. Se a teoria museológica pretende cumprir sua tarefa, ela deve adquirir um padrão que a torne capaz de adequar-se aos mais recentes critérios da teoria, ou seja, da ciência. Isto pode ser atingido apenas se nos concentrarmos em analisar os problemas que determinam essas atividades.

Aquí podemos mencionar em primeiro lugar o problema do objeto da teoria, respectivamente, o objeto da ciência. A abordagem intuitiva do museu que prevaleceu até o momento como objeto da teoria percebe as atividades dos museus em conjunto com diferentes questões organizacionais e técnicas, com o resultado de que muitos autores identificam a teoria com a prática museológica. O problema da identificação do objeto é de importância essencial. sua solução determinará o desenvolvimento futuro da teoria da museologia.

Diretamente relacionado a este fato está o problema do fundamento metodológico:

seus princípios não foram ainda estabelecidos. Algumas idéias prevalecem aqui, como um certo tipo de síntese de vários ramos científicos no âmbito da teoria museológica, começando com os métodos gerais e finalizando com os métodos dos ramos científicos concretos. Muitos teóricos não assimilam as funções das esferas individuais dos métodos aplicados com o postulado dos métodos museológicos específicos.

Não menos importante é a questão da linguagem da teoria museológica. Os problemas em torno dessa questão já foram amplamente abordados, nas tentativas soviéticas, alemãs e internacionais feitas no sentido de definir e publicar dicionários museológicos (ver *Dictionarium museologicum*). A inconsistência teórica é a principal causa das grandes diferenças de significado. A teoria museológica falhou em delimitar os fundamentos básicos da sua estrutura, e falhou em explicitar sua lingüística básica. Esta falha, naturalmente, não pode ser resolvida unicamente por tentativas terminológicas ou lexicográficas.

Finalmente, nos deparamos com a questão do que é um sistema teórico. Até o momento, vimos apenas algumas tentativas muito tímidas. Muitos estudiosos confundem o sistema teórico com a estrutura funcional do museu. O sistema teórico, entretanto, não é mera classificação de conhecimentos adquiridos. Ele tem um papel mais importante: não apenas modelar a realidade a ser estudada, mas também, visto retrospectivamente, torna-se um instrumento para o seu estudo e aprofundamento futuros. Entretanto, nossa teoria museológica não atingiu ainda esta dimensão.

Sem resolver essas questões básicas não podemos afirmar que a teoria museológica seja uma teoria científica, ou que não temos necessidade de nenhuma das duas. Às vezes nos deparamos também com opiniões deste tipo.

6.

Ao resumir as conclusões das sub-questões individuais, podemos assumir o seguinte ponto de vista: o termo museologia ou teoria museológica abrange uma área de um campo específico de estudo, focalizado no fenômeno museu. Confrontamos aqui a teoria e a prática.

O padrão geral a que chegou a museologia não é muito satisfatório do ponto de vista metateórico, isto é, ainda não atende aos presentes critérios da teoria científica.

Entretanto, este é um fenômeno histórico. Desenvolveu-se no passado - e no presente podemos também detectar algumas tendências, visando não apenas aprimorar esta teoria, mas também direcioná-la para a esfera de uma disciplina científica específica.

Ao julgar o desenvolvimento e o presente estado do pensamento teórico sobre a museologia, a partir das leis que aparecem em geral na história das ciências (BERNAL, DOBROV), podemos objetivamente comprovar que a teoria do pensamento museológico encontra-se, no presente, em estágio de formação e de separação das outras ciências. É por isso que ainda se encontra consideravelmente carregada de empirismo e obstruída pela prática direta.

Este pensamento museológico mostra ao mesmo tempo certas características estruturais e de desenvolvimento, comprovando que não há condições objetivas para a identificação desta teoria e sua constituição como disciplina científica, a não ser que ela³ seja capaz de resolver seus próprios problemas metateóricos.

A questão acima pode assim ser resolvida da seguinte maneira: A encontra-se em fase de identificação, isto é, em processo para tornar-se B. Entretanto, A não é de nenhuma maneira idêntica ou identificável com C. A tem relação específica com C, mas devido ao fato de estar-se aproximando de B, necessariamente se afasta de C. Mas quanto mais perto A chega de B, quanto mais elas se tornam idênticas, mais se reaproximará de C, mas num plano diferente do original, ou seja, no plano da interpretação teórica.

Como diria o nosso proeminente geneticista KŘÍŽENECKÝ, “uma boa teoria é uma coisa essencialmente prática”. ■

³ N.T. A museologia.